Minhas Peles

Quem sou eu? Que fiz eu de minha vida? Até gosto de me ser, tal qual sou, mas reconheço que meus méritos são escassos. Minhas mãos, inúteis para fazimentos, só servem para escrever e acariciar. Não sei dançar, nunca soube, o que sempre me vexa. Olho, idiota, o céu, maravilhado de seu esplendor, sem reconhecer constelações ou estrelas. Das árvores inumeráveis do meu mundo brasileiro, todo feito de arvoredos os mais variados, reconheço uma dúzia, se tanto. Diante das flores, do milagre de suas formas, cores, perfumes, eu paro perplexo. Só reconheço rosas, cravos, jasmins, girassóis e umas poucas mais. A música clássica, prodigiosa criação humana, me assusta e me cansa. Fala a outros muito mais que a mim.

De todas as coisas desse mundo tão variado, a única que me exalta, me afeta, me mobiliza, é o gênero humano. São as gentes. As ínvias gentes índias, com quem convivi intimamente tantos anos, os mais belos que vivi. As gentes nacionais, que me acolheram nos meus longos anos ele exílio mundo afora. Mas, principalmente, minha amada gente brasileira, que é minha dor, por sua pobreza e seu atraso desnecessários. É também meu orgulho, por tudo o que pode ser, há de ser, como uma Civilização Tropical de povos morenos, feitos pela mistura de raças e pela fusão de culturas.

Meu tema, aqui, sou eu mesmo e devo versá-lo com o gosto que tenho e confesso de falar de mim. Quem sou eu? Às vezes me comparo com as cobras, não por serpentário ou venenoso, mas tão-só porque, eu e elas, mudamos de pele de vez em quando. Usei muitas peles nessa minha vida já longa e é delas que vou falar.

A primeira de minhas peles que vale a pena ser recordada é a do filho da professora primária, Mestra Fininha, de uma cidadezinha do centro do Brasil. O menino que um dia roubou um pacote de um quilo de azul de metileno e atirou, apavorado, no reservatório de água da cidade para vê-lo azular. Me haviam dito que aquilo daria para colorir o Oceano Atlântico, a mim que nunca havia visto nem mar nenhum. Levei uma surra danada, mas não me corrigi. Continuo fazendo bobagens e desafiando esse mundo, só pelo gosto ele vê-lo variar.

Outra saudosa pele minha foi a de etnólogo indigenista. Vestido nela, vivi dez anos nas aldeias indígenas do Pantanal e da Amazônia. O fundo de meus olhos da memória é feito da visão que retive da beleza daquelas províncias do planeta, as mais belas. No Pantanal, vi uma vez uma lagoa grande cheia de aves – garças, colhereiros, tuiuiús - que assustadas por mim saíram voando. Era como se a lagoa voasse. Na Amazônia, um dia, atravessando a mata espessa, deparei com uma clareira onde uma árvore havia caído, talvez uma década antes, e o sol penetrava, ajudando a floresta a refazer-se. Ali, no tronco caído, exposto e iluminado, estava bem quieta uma enorme onça negra. Lá ficou ela, um momento ou um século, olhando com seus olhos verdes aqueles bichos-gente – os índios e eu – que avançávamos. Ela me olhava e eu olhava para ela, extasiado, até que se foi, desdobrando-se num salto elástico, que ainda vejo.

Mas eram os povos índios que me interessavam supremamente naqueles anos. Demasiados anos, para simples pesquisa antropológica. Insuficientes anos para o meu gozo e minha curiosidade de entender aquela humanidade em flor. Eu queria compreender seu veemente desejo ele beleza, expresso em cada um dos seus artefatos, feitos com muito mais primor do que o necessário para cumprir sua função utilitária. A função verdadeira que os índios buscam em seus fazimentos é a beleza. É a perfeição que, impressa neles, exibe o caráter e a criatividade de quem os fez. Outro talento índio, ainda mais extraordinário, que me encheu de espanto, é a capacidade que eles têm de viver sempre convivendo harmoniosamente uns com os outros. Tendo passado tantos anos com eles, eu nunca vi um índio avançar sobre o outro numa briga. Jamais vi uma índia castigar fisicamente um filho. O que vi foi um carinho inesgotável com que os acariciam.

Quando digo que sou socialista, o socialismo que sonho é o de uma civilização avançada, com esse talento índio da convivência e da solidariedade. Creio que no convívio com os índios eu me refiz, o que aprendi com eles é talvez o que me singulariza entre os intelectuais de minha geração. Aos índios devo, também, a dignidade que me deu a luta que travo há quarenta anos para salvá-los. Não os salvei e esta é a dor que mais me dói. Apenas consolam algumas parcas conquistas, como a criação do Parque Indígena do Xingu e do Museu do Índio, do Rio de Janeiro.

Pele que encarnei e encarno ainda, com orgulho, é a de educador, função que exerço há quatro décadas. Essa, de fato, foi minha ocupação principal desde que deixei a etnologia de campo. Lembro-me bem dos primeiros anos do meu trânsito de antropólogo para educador. Minha ignorância e ousadia eram tamanhas que o meu mestre, Anísio Teixeira, dizia de mim que eu tinha a coragem dos inscientes. É verdade. Eu investia contra o analfabetismo ou pela reforma da universidade com mais ímpeto de paixão que sabedoria pedagógica. Não me dei mal. Acabei ministro de educação de meu país e fundador e primeiro reitor da Universidade de Brasília. Ela, ao nascer, cristalizava não só meu sonho maior, mas também a aspiração mais alta da comunidade científica e intelectual do Brasil. Ambas cientes da necessidade de dominarmos o saber humano para colocá-lo a serviço do desenvolvimento nacional, como principal acelerador da história. Lamentavelmente, minha querida Universidade de Brasília decaiu logo depois de nascer, degradada pela intolerância da ditadura militar que se abateu sobre o Brasil.

Outra pele que ostentei e ostento ainda é a de político. Sempre fui em toda a minha vida adulta um cidadão ciente de mim mesmo como um ser dotado de direitos e investido de deveres. Sobretudo o dever de intervir nesse mundo para melhorá-lo. Um intelectual dinamarquês pode legitimamente dedicar-se ao que bem quiser, indiferente à ordem social, porque a Dinamarca deu certo. Seu povo realiza bem suas melhores potencialidades dentro ela civilização a que pertence. O Brasil não deu certo. Ainda não deu. Nossos intelectuais, por isso mesmo, são urgidos a tomar posição política. A miséria é grande demais para que possam ficar alheios.

Demonstrarei isso com dois exemplos. Primeiro, com a afirmação inegável de que a maioria da nossa gente, se não morre de fome, vive com fome. Isto ocorre no meio da prosperidade de uma lavoura comercial socialmente irresponsável, só devotada a lucrar, produzindo álcool motor com cana-de-açúcar ou soja de exportação. Não produz é o que o povo come. Outro exemplo nos é dado pelas nossas 200 mil escolas públicas primárias. E inegável que elas formam mais analfabetos do que alfabetizados, uma vez que mais de 90% das crianças as frequentam por quatro ou cinco anos, mas delas saem sem a capacidade de escrever um bilhete ou de procurar um emprego num anúncio de jornal. Isso ocorre mesmo em centros tão ricos e civilizados como São Paulo e Rio.

Tamanhos fracassos só se explicam, a meu juízo, pela grave enfermidade nacional que é a desigualdade social e a insensibilidade diante cio sofrimento dos pobres. Ela decorre, certamente, do fato de termos sido o último país no mundo a acabar com a escravidão. A classe dominante brasileira ficou marcada por isto. Ela é feita em grande parte de descendentes de senhores de escravos, indiferentes a seu destino. Só isso torna inteligível tanto descaso, seja pela fome do povo, seja pela ignorância generalizada. O Brasil sempre foi e ainda é um moinho de gastar gente.

É para lutar contra isso que faço política, movido por uma motivação essencialmente ética. Nunca fui um indiferente, ao contrário, meu pendor é para a indignação ante toda injustiça. Jovem, ainda na universidade, me fiz estudante comunista, porque esse foi o modo que encontrei de me preocupar com o destino humano, de me comover com o sofrimento de qualquer povo, em qualquer lugar da Terra. Entrei para a política militante quando vi, assombrado, o Presidente Getúlio Vargas, com mais de setenta anos, matar-se, arrebentando o coração com uma bala, para fugir ao assédio de uma campanha de desmoralização pela imprensa, custeada pelos grupos mais ricos. Frente a esse drama. eu me perguntei por que aquele homem, o mais amado pelo povo pobre, era tão ferozmente odiado pelas elites. Vi, ali, que o que causava revolta na minoria, que vive à tripa forra, era sua identidade com os trabalhadores e sua política nacional de industrialização e de produção autônoma de petróleo e de eletricidade.

Desde então me defino como socialista. Socialista no sentido trabalhista, de quem luta para forçar o capital a remunerar melhor o trabalho, de lutar para que o Estado cumpra seus deveres na área de educação e de assistência às camadas mais carentes da população. Isto sou hoje.

Com a pele de político militante, fui duas vezes Ministro de Estado, mas me ocupei fundamentalmente foi na luta por reformas sociais, que ampliassem as bases da sociedade e da economia, a fim de criar uma prosperidade generalizável a toda população. Nesta luta me concentrei principalmente na defesa de uma Reforma Agrária, que democratizasse a propriedade ela terra a fim de integrar milhões de lavradores na economia nacional, evitando que se vissem forçados a engrossar a massa de favelados das cidades. Cerca de dez mil grandes proprietários se apossaram de 80% do continente Brasil. Nesse

mundão de terras, eles não plantam nem deixam plantar. Condenam, assim, milhões de brasileiros à penúria.

Fracassando nessa luta pelas reformas, eu me vi exilado por muitos anos e vivi em diversos países. Entretanto, minha pele de proscrito foi mais leve do que se poderia supor. Nela pude ver meu país em conjunto, como só se vê olhando de fora. Comparando, nela pude exercer-me largamente como educador e como político, aprendendo muito. Meu ofício, naqueles anos, foi o de professor de antropologia e, principalmente, reformador de universidades. Disto vivi. Propus reformas para a Universidade da República do Uruguai, para a Universidade Central da Venezuela e para o sistema universitário peruano. Ajudei a reestruturação da Universidade de Argel, elaborei o projeto básico de implantação da Universidade Nacional da Costa Rica e propus, para a Universidade Nacional Autônoma do México, uma Faculdade de Educação e Comunicação.

Nenhuma destas reformas ou planos de criação de uma universidade se cumpriu segundo as diretrizes que ajudei a formular, com equipes de educadores locais. Mas a função dos planos não é conduzir rigidamente as ações. É tão-só promover uma autoavaliação da universidade e desenhar um paradigma do que é desejável para ela na forma de um plano decenal. A existência desse paradigma por si só justifica o imenso trabalho de elaboração de uma reforma. Só por existir, ele estabelece metas, impedindo o crescimento ganglionar das cátedras à custa das carnes da universidade. Cada um destes projetos de reformas foi reduzido a texto e publicado. Com base neles e, sobretudo, na minha experiência de criação da Universidade de Brasília é que elaborei meu livro *A universidade necessária*.

No campo político, minha atuação de exilado foi a de conspirar, por quatro anos, no Uruguai, cada vez mais desesperançado de nosso projeto de derrubada da ditadura militar. Mais adiante, fui chamado a uma atividade propriamente política. Primeiro no Chile, onde ajudei Salvador Allende a formular seu projeto de socialismo em liberdade. Depois, no Peru, onde fui ajudar Velasco Alvarado a transformar sua revolução nasserista num plano de socialismo cibernético.

Tentei também, naqueles anos, compreender melhor as causas do desempenho medíocre do Brasil na Civilização Industrial. Neste esforço escrevi meus *Estudos de Antropologia da Civilização*. São cinco volumes, com quase duas mil páginas. No primeiro deles, *O Processo Civilizatório*, proponho, para tornar nossa realidade inteligível, uma teoria não eurocêntrica da história. Em *As Américas e a Civilização*, analiso as causas do desenvolvimento desigual da América Saxônica e da América Latina. Em essência, tento entender como e por que entraram em decadência na Civilização Industrial justamente as áreas que, no passado, produziram maiores riquezas e edificaram cidades majestosas como o México, Lima, Bogotá ou a Bahia, o Recife e o Rio de Janeiro.

No exílio, devolvido a mim, eu me fiz romancista, cumprindo uma vocação precoce que me vem da juventude. Estudante de medicina, eu era reprovado

ano após ano porque não estudava o que devia, só me ocupava de ler e de escrever literatura. Sofri demais estas frustações, tanto que até corri risco de vida. Naquela angústia da busca de minha própria identidade, eu me dizia e repetia num diário que, não tendo decidido se ia nascer, me cumpria decidir naquela hora se queria morrer. Andei muito perto do suicídio, o que, visto da distância de cinquenta anos que me separam daqueles dias, mostra como foi difícil para mim viver meus vinte anos.

Mas eu falava é de minha literatura. Dela me afastei por décadas, primeiro, pela atração irresistível da etnologia indígena, tão cheia de seiva; depois, pelo envolvimento inevitável das lutas como educador e como político reformista. Só no exílio, nos seus longos vagares, tive ocasião e desejo de novamente romancear. Escrevi então meu primeiro romance, *Maíra*, o mais conhecido deles, em que revivo as emoções dos anos de convívio com os índios. Seu tema é a dor e o gozo de ser índio, tal como eu os pude sentir emocionalmente, mas nunca fui capaz de expressar nos meus escritos científicos.
Seu sentido é a morte de Deus, ou ao menos de Maíra, o Deus índio que renasce e morre porque este mundo não tem remédio.

Ainda no exílio, escrevi um outro romance, *O mulo*. Nele retomo meus recordos da primeira juventude, no feio mundo de minha gente paterna de senhores de terra, afeitos ao ofício ele gastar gente com indiferença espantosa. Imaginei que o personagem principal, a quem por isso chamo de nulo, seria detestado pelos leitores. Não é assim. Como minha literatura não é maniqueísta, ele encarna muitas verdades, e o fato é que mais comove do que revolta.

Escrevi depois duas novelas mais. *A utopia selvagem*, que é uma alegoria satírica da busca da identidade dos brasileiros que, já não sendo europeus, nem índios e nem africanos, se perguntam o que são. Minha outra novela, *Migo*, é uma autobiografia inventada, mais confessional cio que meus ensaios explicitamente autobiográficos.

De volta do exílio, retomei minhas peles todas. Hoje estou no Brasil lutando pelas minhas velhas causas: a salvação dos índios, a educação popular, a universidade necessária, o desenvolvimento nacional, a democracia, a liberdade. No plano político, me elegi vice-governador do Rio de Janeiro e depois senador ela República.

Estas são as peles que tenho para exibir. Em todas e em cada uma delas, me exerci sempre igual a mim, mas também variando sempre. Se tivesse ficado em uma só, teria feito, talvez, uma vida ele mérito. Exercendo tantos papéis – antropólogo, educador, político, romancista – me dispersei demais, perdendo consistência biográfica. Mas não me arrependo, se me fosse dado viver outra vida, eu faria o mesmo. Afinal, não vivemos só para servir. Vivemos também e principalmente é para nos exercermos como humana gente, curtindo a vida, tirando dela o gozo que nos pode dar. Apesar de todos os amargores, gosto muito de ter vivido a vida que vivi e guardo no fundo do peito a esperança ele que meus fazimentos maiores não estejam no passado, mas no futuro. Serão aqueles que ainda hei de fazer.

Publicado em *O Brasil como problema*, Editora Francisco Alves, 1995, p.303-311